

Ana Carolina Freitas de Farias

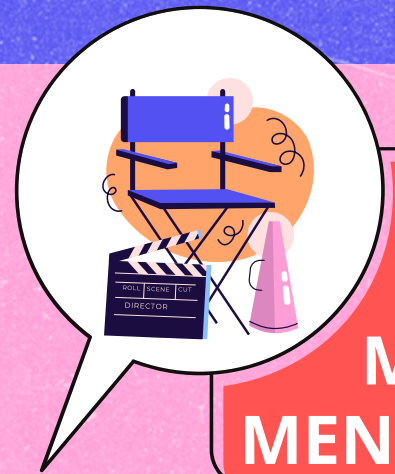
~~FALHA~~
**FALA
NOSSA**

um guia didático para
professores

Ô
X
E

CINEMA
TICKET

DATE HOUR



MAR
MENINO



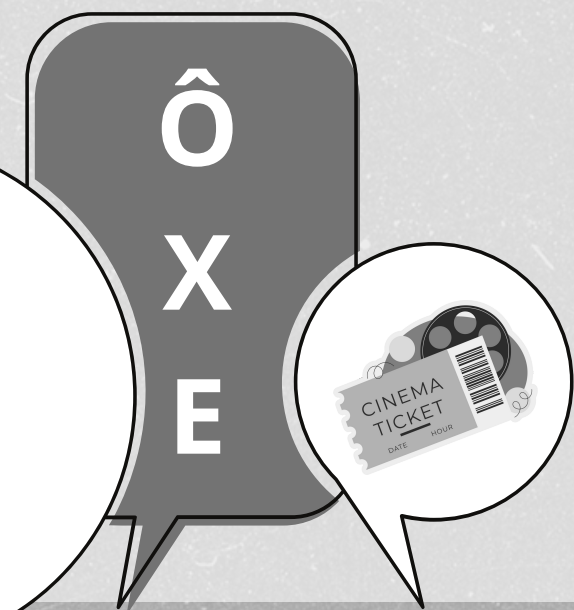
Mestrado
em Letras

Ana Carolina Freitas de Farias

~~FALHA~~

FALA NOSSA

um guia didático para
professores



MAR
MENING



Mestrado
em Letras

Ana Carolina Freitas de Farias
Autora

Gilberto Freire de Santana
Orientador

Maria da Guia Taveiro da Silva
Coorientadora

Wivyan Carvalho de Souza Alencar
Projeto gráfico e diagramação

Dayane Pereira Barroso De Carvalho
Revisão

F224f

Farias, Ana Carolina Freitas de

Falha fala nossa: um guia didático para professores / Ana Carolina Freitas de Farias – Imperatriz, MA, 2024.

43 f.; il.

Produção Técnico-tecnológica (Mestrado Profissional em Letras – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. Cinema. 2. Variação linguística. 3. Ensino. I. Título.

CDU 791:37

CRB-MA 13/729

Sumário

INTRODUÇÃO **4**

1 RETRATOS LINGUÍSTICOS EM DIÁLOGO: A LÍNGUA COMO PERSONAGEM **6**

- A Sociolinguística Variacionista e a perspectiva social na língua(gem).....6
- A variação linguística: sob a lente dos fatores determinantes.....8
- Variedade linguística: oxe e mermã também é português.....12
- Perspectivas da Sociolinguística Educacional.....14

2 ENTRE CENAS E PALAVRAS, O CINEMA ENSINA: UM CONVITE PARA EXPLORAR NOVAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS. **20**

- Telas que ensinam: o cinema na sala de aula brasileiras.....20

3 A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO UM ESPELHO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA **27**

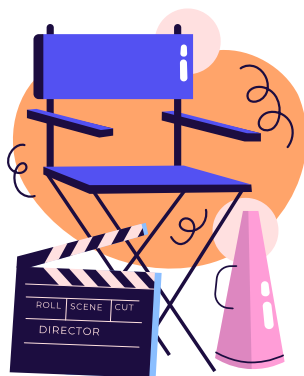
- Telas que ensinam: o cinema na sala de aula brasileiras.....27
- Escolha do Filme.....28
- Análise da ficha técnica do filme como ponto de partida.....29
- Exploração dos aspectos linguísticos e sociais presentes no filme.....30

4 DAS TELAS ÀS LETRAS: OS RECOMENDADOS **33**

PARA CONCLUIR **37**

SOBRE A AUTORA **38**

REFERÊNCIAS **39**



INTRODUÇÃO

Prezadas (os) professoras (es)

Gostaríamos de compartilhar este guia que foi cuidadosamente elaborado com o objetivo de fortalecer a luta pelo reconhecimento da importância de compreender e discutir a língua em constante movimento, que escapa às amarras de um conceito estático de linguagem intocável. Nele, vocês encontrarão orientações práticas e simples que podem ser implementadas nas escolas, especialmente com alunos do Ensino Médio, como ações multiplicadoras.

É importante destacar que este guia está intrinsecamente vinculado à pesquisa de mestrado intitulada *A variação linguística regional nordestina no cinema: desvendando desafios, desvelando práticas e tecendo voos linguísticos e cinematográficos*. O objetivo dessa pesquisa é explorar a relação entre a língua portuguesa e o cinema brasileiro, identificando desafios, compartilhando práticas e propondo abordagens pedagógicas inovadoras.

O nome do guia, *Falha Fala nossa*, é uma expressão que destaca a importância de valorizar e compreender a diversidade linguística. A palavra **falha** representa as diferenças e variações na linguagem, enquanto **fala** refere-se ao ato de falar e à linguagem oral. O uso de **nossa** sugere um senso de pertencimento e identificação cultural, enfatizando que a diversidade linguística é uma parte intrínseca da nossa cultura e identidade. Portanto, "*Falha Fala nossa*" celebra a riqueza das diferentes formas de falar, desafian-

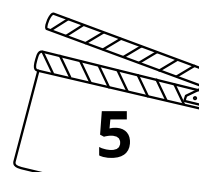
do a ideia de que essas variações sejam falhas na linguagem, ao invés disso, reconhecendo-as como uma característica complexa e valiosa da linguagem.

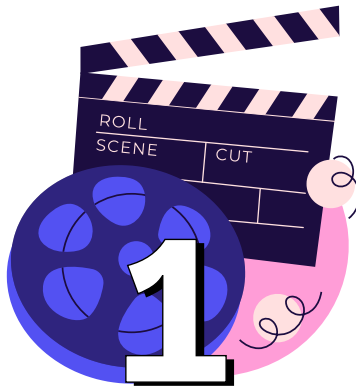
Dentro desse contexto, o guia oferece diretrizes que podem enriquecer o ensino da língua portuguesa por meio do cinema, permitindo que os alunos explorem a diversidade linguística presente nas produções cinematográficas nacionais. Acreditamos que o uso do cinema como recurso educacional desperta o interesse dos alunos, estimulando sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Essa abordagem possibilita a exploração das variedades linguísticas presentes nos filmes, promovendo reflexões sobre a variação linguística regional e desafiando estereótipos linguísticos. Convidamos todos vocês a utilizarem este guia como uma valiosa ferramenta para enriquecer suas práticas pedagógicas, incentivando a reflexão, o diálogo e a construção do conhecimento sobre a língua portuguesa e sua diversidade linguística.

Dividimos nosso caminho pela Sociolinguística em cinco seções. Na primeira, apresentamos uma visão concisa dos fundamentos da Sociolinguística Variacionista, destacando a influência da sociedade nas variações linguísticas. Na segunda seção, exploraremos a convergência entre o cinema e a educação, destacando o cinema como uma ferramenta pedagógica que enriquece o processo de ensino e aprendizagem. A terceira parte, é dedicada à proposta de intervenção, oferecendo um guia prático passo a passo para professores que desejam implementar o cinema em suas práticas pedagógicas, em especial para explorar as variáveis linguísticas presentes nas obras cinematográficas. Na quarta etapa de nosso percurso, apresentaremos uma lista de filmes recomendados para uso em sala de aula, com foco na relevância linguística e no potencial educativo. Por fim, na sexta seção, teremos a conclusão, como o propósito de sintetizar as principais ideias do guia.

Desejamos sucesso em sua jornada educacional e na aplicação deste guia em suas atividades!





RETRATOS LINGUÍSTICOS EM DIÁLOGO: A LÍNGUA COMO PERSONAGEM

Objetivos desta seção:

- Identificar alguns pressupostos básicos da Teoria da Sociolinguística Variacionista;
- Descrever um panorama dos estudos da língua como um fator social;
- Refletir sobre como a identidade linguística está intrinsecamente ligada à identidade social do falante.

A Sociolinguística Variacionista e a perspectiva social na língua(gem)

A Sociolinguística surgiu na década de 1960 como um novo ramo da Linguística, que se concentra em estudar a relação entre a língua e a sociedade, fomentando a desconstrução da ideia de homogeneidade linguística, cujos principais representantes foram Saussure e Chomsky. A teoria tem como principal fundador o linguista norte-americano William Labov, que desenvolveu seus estudos sobre o inglês falado em cidades dos Estados Unidos, como Nova York e Filadélfia.

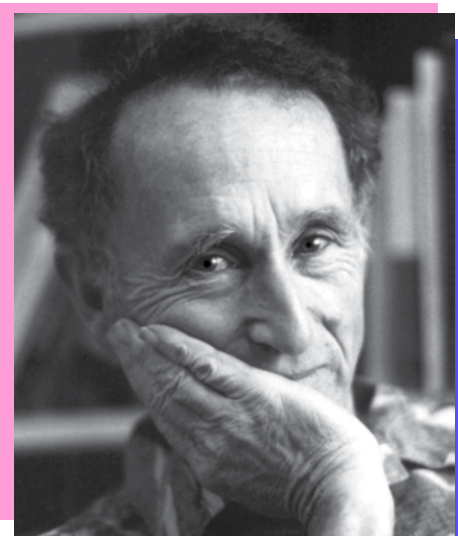


Figura 1 - William Labov/Fonte: Google Imagens

Os estudos sociolinguísticos variacionistas, divididos por Eckert (2022) em três ondas distintas, representam diferentes estágios dessa abordagem. Cada onda trouxe novos focos à pesquisa sociolinguística.

A **primeira onda** concentrou-se na pesquisa laboviana, analisando a língua usada no cotidiano por uma comunidade social. Enfatizou a variação social na gramática usada pela comunidade, reconhecendo a língua como um sistema variável e socialmente construído.

A pesquisa em SV passou a considerar não só a sistemática das línguas, mas também suas relações pragmáticas. Além do uso da língua, o papel do falante e como influenciam sua estrutura são estudados. Métodos quantitativos são frequentemente utilizados para analisar relações estatísticas entre variações linguísticas e contextos sociais.

A **segunda onda** adotou abordagens etnográficas para analisar a variação linguística localmente, destacando práticas linguísticas específicas de comunidades locais e suas diferenças em relação às normas linguísticas mais amplas.

No que diz respeito, a **terceira onda** rompe-se com os modelos estruturais de sociedade, adotando uma visão de variação como prática social. Destaca o uso estilístico e estratégico da linguagem pelas pessoas para desafiar normas sociais e contribuir para mudanças na sociedade.

Nessa direção, nota-se que há um contínuo entre as ondas variacionistas, e pode-se concordar com Souza-Silva (2022, p. 22), que entende que se pode “falar em *Sociolinguísticas*, pluralmente não nos limitando a um quadro teórico único” (grifo meu). Assim, as discussões, neste estudo, buscam alcançar um equilíbrio adequado entre os aspectos socioculturais e o fazer linguístico, reconhecendo a diversidade de abordagens teóricas e a complexidade da interação entre esses dois elementos. Bagno (2004, p. 10), assim, defende que deve haver um compromisso político subjacente à Sociolinguística, além da mera descrição e análise das relações entre língua e sociedade.

Portanto, “não basta descrever e analisar as relações entre língua e sociedade – é preciso, também, transformá-las”.

A adoção dessa perspectiva infere a necessidade de compreender o que seria a linguagem e língua. A primeira, parafraseando Bagno (2012, p. 58), refere-se à capacidade inerente ao ser humano de representar e expressar simbolicamente suas experiências de vida, além de adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento.

Perine (2010, p. 1), assim como Koch (2012, p. 124), afirma que a língua é um sistema complexo e dinâmico de comunicação, organizado de elementos linguísticos inter-relacionados. Esse sistema abrange vários níveis linguísticos, incluindo o morfológico (a estrutura das palavras), o fonológico (os sons da língua) e o sintático (a estrutura das sentenças). Vale ressaltar que a língua não é apenas um conjunto de regras abstratas, pois só se realiza enquanto prática social, ligada ao ambiente cultural em que está inserida, e, assim, necessita ser delimitada por normas.

A variação linguística: sob a lente dos fatores determinantes

- Vovô, engraçado, né? Tem palavras que têm o mesmo significado para coisas diferentes!
- Como o quê?
- Como “toco”, por exemplo. Tem o “toco” de sentar e “toco” de “toco fome”!
(Beatriz, 6 anos)

O cativante diálogo entre Beatriz, uma criança de 6 anos, e seu avô serve como um encantador lembrete das complexidades inerentes à linguagem. Com sua inocência e perspicácia infantil, Beatriz aponta para algo profunda-

mente enraizado na natureza da língua: a variação linguística. Em sua breve observação, ela destaca um aspecto que sociolinguistas estudam com grande interesse: a capacidade de algumas palavras assumirem múltiplos significados, dependendo do contexto em que são empregadas.

Faraco (2005, p. 23) destaca que a língua é diversa, não existindo apenas uma forma “correta” de falar. Essa diversidade se mostra em diferentes contextos, situações e lugares, incluindo como se pronuncia, se usa vocabulário, gramática e se montam frases. Isso não é ruim, mas é uma característica natural da língua, que se adapta conforme as necessidades e influências dos falantes ao longo do tempo e em diferentes situações. É importante entender que a variação na língua é essencial para entender como ela funciona, embora nem toda variação cause mudanças grandes na língua. Reconhecer a diversidade linguística como uma riqueza cultural e entender que as mudanças na língua vêm da variação são importantes.

A variação linguística na língua revela fatores que influenciam a escolha das formas que os falantes utilizam. Esses fatores se dividem em internos e externos. Os internos se referem às variações na própria estrutura da língua. Os externos estão ligados às influências sociais. Coelho et al. (2018) abordam esses fatores, classificando e exemplificando alguns dos níveis mencionados por Faraco. Esses incluem:

Variação fonética-fonológica: alteração dos fonemas das palavras.

Tipo de Variação	Descrição	Exemplo
Rotacismo	Troca de "r" por "l"	"carro" pronunciado como "calo"
Lambdacismo	Consiste na substituição de "l" por "r"	"carvão" pronunciado como "calvão"
Nasalização	Pronúncia das vogais como nasais	"idiota" pronunciado como "índiota"
Epêntese	Adição de fonemas em palavras	"fruta" pronunciado como "fruita"

Varição morfológica: alteração que ocorre em um morfema da palavra.

Tipo de Variação	Descrição	Exemplo
Assimilação	Modificação de um morfema para se assemelhar ao som de outro morfema adjacente.	"Andando" pronunciado como "andano"
Elíptização	Omissão de uma parte da palavra, geralmente em situações informais ou coloquiais.	"Fala a verdade" pronunciado como "Fala verdade"
Apócope	Supressão de um ou mais fonemas no final de uma palavra.	"Verdade" pronunciado como "verdadi"

Varição sintática: alterações na estrutura das frases e na ordem das palavras.

Tipo de Variação	Descrição	Exemplo
Inversão de sintaxe	Mudança na ordem das palavras na frase	"Ele chegou ontem" em vez "Ontem chegou ele"
Redução de sintaxe	Eliminação de elementos da frase	"Eu não gosto de estudar" em vez "Não gosto de estudar"

Varição lexical: uso de palavras diferentes para se referir ao mesmo conceito.

Tipo de variação	Descrição	Exemplo
Sinônimos regionais	Uso de diferentes palavras para o mesmo objeto	"macaxeira", "aipim", "mandioca"
Neologismos	Criação de novas palavras ou significados	Sofrência" ou "zap-zap"

Conforme mencionado anteriormente, é importante ressaltar que todas as línguas estão sujeitas à variação, a qual pode ser influenciada, também, por fatores externos à própria estrutura linguística, como observado por Bortoni-

Ricardo (2004, p. 47-49). Esses fatores desempenham um papel crucial na compreensão da variação linguística e podem ser agrupados nas seguintes categorias:

Gênero: distinções entre as formas que mulheres e homens se expressam. Mulheres, por exemplo, usam muito mais os diminutivos.

Status socioeconômico: variação decorrente dos diferentes níveis econômicos dos falantes.

Grupos etários: são as diversas gerações de falantes fazendo uso de variações diferentes. Um idoso, por exemplo, pode não entender certas variantes usadas pelos seus netos, e vice-versa.

Nível de escolaridade: maior ou menor acesso à educação, qualidade do ensino, o tempo que a pessoa permaneceu na escola.

Mercado de trabalho: influência da atividade profissional sobre a forma como o falante se expressa.

Rede social: aquisição de comportamentos de fala semelhante aos indivíduos que fazem parte de nossa rede social.

Compreender que a língua é intrinsecamente heterogênea e multifacetada, conforme enfatizado por Faraco (2005), conduz à rejeição de preconceitos linguísticos e à valorização de todas as formas de expressão. Ao explorar os fatores condicionantes que influenciam a escolha de variantes linguísticas, conforme destacado por Coelho et al. (2018), torna-se possível apreciar a complexa interação entre linguagem e sociedade. A variação linguística, sendo uma manifestação natural da diversidade cultural e social, enriquece o entendimento sobre o funcionamento e a evolução das línguas. Portanto, ao se acolher essa diversidade e reconhecer a relevância dos fatores que a moldam, promove-se uma comunicação mais inclusiva e enriquecedora na sociedade, como é o caso da regionalidade.

Variedade linguística: *oxe* e *mermã* também é português

A plena comunhão da língua com o meio social cria janelas por meio das quais as riquezas culturais, a essência da identidade e as interações sociais dos falantes podem ser contempladas. Assim, o **oxe**, originário do oxente, transcende os limites de uma simples palavra; tornando-se uma exclamação que ressoa com surpresa e encanto.



Fonte: canva.com

Quando algo inesperado acontece, quando o destino tece suas teias misteriosas, é **oxe** que emerge dos lábios, como se fosse um poema de admiração, abrindo uma janela para a expressão genuína da surpresa e do encanto diante do desconhecido. Já **mermã** é uma palavra que abraça com carinho. É um jeito de dizer "minha irmã" de uma forma tão íntima que transcende os laços de sangue.

Aventurar-se nos caminhos da identidade linguística é, sem dúvida, uma reflexão profunda sobre os espaços de identificação. Em vista disso, em um país tão diverso linguisticamente quanto o Brasil, manter e celebrar as particularidades linguísticas regionais é uma maneira de preservar a rica tapeçaria cultural do país, considerando que “[...] a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano – em boa medida, *nós somos a língua que falamos* [...]” (Bagnó, 2003, p. 16-17, grifos do autor). Desse modo, para uma melhor compreensão da variação linguística e de sua relação intrínseca com as identidades sociais, é imperativo adentrar no âmago do conceito de identidade.

Começa-se, então, a discutir conceitos de identidade a partir do ponto de

vista sociológico, em razão de suas contribuições para os estudos linguísticos.

Conceitos de identidade

1. Fluidez Identitária

- Identidade não é fixa; ela é mutável e diversa (Hall, 2006).
- Bauman (2005) destaca que a pós-modernidade desafia as estruturas sociais tradicionais, tornando a identidade um desafio.

2. Papéis Sociais e Linguagem

- A linguagem está relacionada à construção de nossos papéis sociais (Bortoni-Ricardo, 2004).
- Bauman (2005) enfatiza a influência da linguagem na formação de identidades.

Nesse sentido, é que as diferenças sociolinguísticas desempenham um papel importante na compreensão das complexas interações sociais relacionadas à linguagem. Oushiro (2015, p. 24), em uma reflexão sobre espaços de identificação, diz que “[...] não é um atributo pessoal tampouco uma posse, mas um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo, individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce controle”.

Na área sociolinguística, como falamos, revela muito sobre quem somos. A variação regional, que tem a ver com como nos expressamos, baseada na região de onde viemos. Isso ocorre devido a um mix complexo de fatores: **história, influências culturais e até mesmo interações linguísticas**. Dessa maneira, a língua não apenas reflete de onde viemos, mas também a rede de conexões sociais que temos. É quase como se cada frase que soltamos dissesse um pouco sobre nossa história e nosso mundo (Coelho, *et al.*, 2018).

Uma coisa é clara: tentar categorizar alguém em caixas fixas é restringir a diversidade. Os estudos mostram que as identidades são mais como performances, se adaptando conforme o contexto. Reduzir uma identidade complexa a um estereótipo é limitar toda a riqueza que ela traz (Oushiro, 2015).

Aqui está o ponto: a mídia desempenha um papel significativo na percepção das diferentes formas de falar. É notável que alguns sotaques enfrentam mais estigmas do que outros, e isso, infelizmente, é perpetuado por representações caricatas na mídia. Isso acaba distorcendo a realidade, criando ideias limitadas sobre as pessoas baseadas apenas em como elas falam.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 110) diz que, "cada enunciado produzido por qualquer falante é um ato de identidade". Nessa perspectiva, isso significa que, ao utilizar a linguagem, cada pessoa está, de certa forma, expressando quem são e como se relacionam com o mundo ao seu redor. Como escolhem as palavras, o tom de voz, o sotaque e outros elementos linguísticos não apenas refletem sua origem geográfica, mas também suas afiliações sociais, culturais e pessoais, tornando cada ato de fala uma manifestação da identidade individual e coletiva.

Diante do exposto, a reflexão sobre a relação entre linguagem e identidade evidencia que a diversidade linguística espelha a riqueza cultural e social de um país, como o Brasil, transcendendo estereótipos. Cada ato de fala é uma expressão única da identidade, moldada por influências culturais e sociais. O combate ao preconceito linguístico, particularmente ligado à origem geográfica dos falantes, é essencial para promover o respeito à diversidade linguística.

Perspectivas da Sociolinguística Educacional

A escola é geralmente concebida como um local essencial para a emancipação, a transformação social e, principalmente, o processo de aprendizagem. No entanto, é lamentável que, em muitas ocasiões, ela se torne um ambiente onde se reproduzem as estruturas de controle, vigilância e punição do sistema social. Em particular, essa tendência repressora se manifesta de forma notória no que diz respeito ao controle rigoroso de uma norma linguística prescritiva.

Em relação ao controle e à restrição presentes na educação, Ferrarezi Jr. (2014) destaca o constrangimento como algo que silencia as pessoas. Ele aponta que o silêncio é uma prática comum não apenas na sala de aula, mas também entre supervisores, diretores, coordenadores e até nos livros didáticos. Esse constrangimento e silenciamento na educação, especialmente no ensino de línguas, se tornam um “padrão de pensamento”, afetando não só a educação, mas também as esperanças, perspectivas e interações sociais. Isso levanta a questão: **o silenciamento diante do constrangimento não seria uma consequência prejudicial do preconceito?**

No ensino de línguas, o constrangimento mencionado por Ferrarezi Jr. (2014) se manifesta como preconceito linguístico. Isso representa uma antipatia baseada em uma “generalização falha e inflexível” direcionada a um grupo ou indivíduo desse grupo (Allport, 1954/1979 *apud* Freitag et al., 2020). Esse tipo de generalização falha e inflexível, no contexto educacional, se disfarça como um padrão linguístico correto, mas, na verdade, permite excluir aqueles que vêm de origens menos privilegiadas. O preconceito linguístico promove discriminação e exclusão não só pela origem, mas também pela classe social.

Além disso, Faraco (2008), ao discutir a norma linguística brasileira, aponta que os estudantes muitas vezes se deparam com pressões significativas. Essas pressões sugerem que, se não seguirem estritamente as regras prescritas nos manuais didáticos, jamais poderão alcançar posições socialmente privilegiadas. Para superar isso, ele propõe abandonar a chamada “cultura do erro” e criar um ambiente de ensino que atenda verdadeiramente às necessidades sociais, culturais e linguísticas da população.

Em estudo recente, no qual abordou-se o tratamento que a escola dá à variedade linguística do aluno do ensino fundamental de escola rural do município de Imperatriz/MA, foi enfatizado o quão é importante se entender que a sociolinguística pode possibilitar, “entre outros objetivos, o

compromisso de desenvolver, junto ao professor da educação básica, recursos para um ensino de língua consciente e inclusivo” (Farias; Taveiro-Silva, 2022, p. 56). Esse ensino consciente e inclusivo não pode ser materializado em espaços onde prevalecem constrangimentos e silenciamentos dos quais fala Ferrarezi Jr. (2014), uma vez que, nas palavras do estudioso, o silêncio do humilhado é mortificador, sendo essa uma das facetas mais cruéis do preconceito.

Taveiro-Silva (2012, p. 26) também argumenta nesse sentido, quando defende que “a escola deve ser colocada como uma agência que pode viabilizar o entendimento entre os distintos segmentos da sociedade e, realmente, assumir a tarefa de ensinar a variação de prestígio, sem distinção aos que dela participam como aprendizes”. Assim, uma prática pedagógica que se orienta pelos princípios da Sociolinguística Educacional possibilita a ampliação das competências linguísticas de seu alunado, fazendo-o compreender que não há um modelo único de língua, mas existem, sim, diferentes formas de falar sem que a comunicação seja prejudicada.

Retornando à questão da cultura do erro, os argumentos de Bortoni-Ricardo (2004) convergem com a proposição de Faraco (2008). A estudiosa destaca a urgência de que a escola “- fonte primordial do letramento na nossa sociedade - deixe de ser uma agência reprodutora das agudas desigualdades sociais e dos perversos preconceitos que elas suscitam” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 7) imposta por uma tradição gramatical “que se baseia exclusivamente nos usos linguísticos de uma elite de falantes mais letrados” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 8). Assim, a proposta de um ensino língua pautado em uma ética social deve, portanto, levar todos os alunos, e não apenas “os filhos das elites”, a se apropriarem das formas linguísticas mais prestigiadas, o que lhes possibilitará adquirir competência comunicativa vasta e abrangente.

O processo de ensino-aprendizagem da forma prestigiada da língua, sem causar constrangimento aos falantes/alunos, pode ocorrer de maneira sensível e inclusiva, como discutido por Farias e Taveiro-Silva (2022).

As autoras ressaltam a importância de os professores estarem atentos ao uso da variedade não padrão por parte dos alunos e de adotarem estratégias que promovam a compreensão e a apropriação das normas linguísticas formais, sem gerar desconforto para os estudantes.

Assim, se por um lado o ensino tradicional de língua natural se propõe a “estabelecer as regras de uma língua e através delas ensinar a língua àqueles que já a dominam” (Silva, 2016, p. 12), a Sociolinguística Educacional se propõe a fundamentar sua prática educativa nas “relações entre linguagem, sociedade e escola” (Soares, 2017, p. 11). Nessa perspectiva, o ensino da língua natural, sob uma perspectiva social, deve buscar subverter uma organização social de uma classe dominante que silencia outras formas linguísticas.

A respeito do ensino tradicional de língua natural, Silva (2016) afirma, inclusive, que tal tradição gramatical foi fixada pelos filólogos de Alexandria, a partir do conceito de “erro clássico” (possível origem do que hoje se chama “cultura do erro” em contextos formais de ensino), que privilegiava a língua escrita de escritores renomados à sua época, em detrimento de usos populares negativamente avaliados.

Assim, significa dizer que a oposição entre o uso popular da língua (a língua falada pelas classes menos privilegiadas) e o uso mais prestigiado da língua (a forma utilizada pelas classes mais privilegiadas) não é algo das sociedades contemporâneas. À vista disso, a tradição gramatical que impõe uma norma prescritiva não o faz de maneira inocente; mas, sim, trata-se de uma imposição hegemônica de um modelo de gramática que se sustenta em uma estrutura de poder econômico.

No Brasil, por exemplo, a escolha de uma norma-padrão da língua ocorreu durante o século XIX, com a vinda da família real e a intenção de uma constituição de nacionalidade mediante uma elite intelectual, que buscava certa unidade linguística entre Brasil e Portugal (Coelho et al., 2018, p. 12). Foi essa elite, segundo as autoras, que impôs usos linguísticos muito distantes da

gramática usada pela maioria da população brasileira. Coelho et al. (2018) continuam dizendo que, por trás do argumento da unidade linguística, havia, um desejo de forjar um país branco e europeu e tudo o que se diferenciava desse modelo era alvo de críticas.

Percebe-se que não é de hoje atribuir valoração linguística, a depender das origens e da classe social do falante. Isso explica, pois, a diversidade linguística é, nas palavras de Faraco (2008, p. 133), “osso duro de roer”. A valoração linguística, da qual o autor trata, interfere diretamente nas atitudes dos falantes, que acabam por limitar, pela força do preconceito, a capacidade de aceitar a diversidade da língua e da cultura. Mesmo a atitude linguística dos falantes não existe no vazio das relações, mas está fincada na própria dinâmica da cultura do erro, como se fosse um condicionamento de comportamento linguístico culturalmente aprendido ao longo dos séculos.

Em se tratando de norma, é relevante considerar suas principais acepções e interpretações. Nesse sentido, destacam-se três definições abordadas por Faraco (2008):

- Norma Padrão: relacionada à normatividade imposta pelas elites.
- Norma Curta: também associada à normatividade das elites.
- Norma Culta: Entendida como normalidade, o que é usual em determinada comunidade de fala.

Nesse contexto, é fundamental que a educação reconheça a diversidade linguística e as políticas públicas forneçam recursos para desenvolver a competência linguística, indo além do ensino da norma-padrão. Isso em razão de que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (Mollica; Braga, 2008, p. 29).

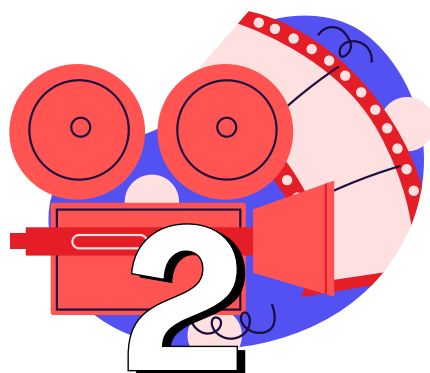
A escola muitas vezes evita corrigir variações linguísticas com medo de gerar insegurança nos alunos (Bortoni-Ricardo, 2017). Rampton (2006 *apud* Souza-Silva, 2022) destaca que a Sociolinguística não busca corrigir preconceitos, mas sim construir uma linguagem mais justa e democrática.

Taveiro-Silva (2022) ressalta o impacto significativo das atitudes do professor na aprendizagem e na forma como os alunos utilizam sua língua natural. Ela aponta que um ensino pautado em restrições por parte dos professores pode deixar marcas profundas e humilhantes nos estudantes. Apesar da importância de valorizar a diversidade linguística, é ético e relevante que os professores ensinem as formas mais prestigiadas da língua (Sociolinguística Educacional). Para isso, é necessário um esforço conjunto do professor e da comunidade escolar para criar uma política linguística mais inclusiva e respeitosa. Diante disso, a escola pode contribuir para a formação de cidadãos conscientes, capazes de se expressar em diferentes contextos, compreendendo e participando ativamente na comunicação desses espaços.



Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula (2004)

Este livro oferece *insights* valiosos sobre a interseção entre Sociolinguística e Educação. Nesse sentido, a visão de Bortoni-Ricardo (2004) sobre Sociolinguística Educacional, foca na análise da variação e mudança linguística, visando a competência linguística e comunicativa dos alunos, especialmente daqueles com pouco acesso a variedades linguísticas prestigiadas em seu ambiente familiar.



ENTRE CENAS E PALAVRAS, O CINEMA ENSINA: UM CONVITE PARA EXPLORAR NOVAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

Objetivos desta seção:

- Explorar a relação entre cinema e educação;
- Investigar estratégias e abordagens para integrar o cinema de maneira eficaz no processo educacional, promovendo o desenvolvimento de competências linguísticas.

Telas que ensinam: o cinema na sala de aula brasileiras

O cinema, conhecido como a sétima arte, tem muito a oferecer à educação e sua contribuição vai além do mero entretenimento. Muitas vezes visto pelo público em geral como uma forma de lazer, o cinema é capaz de proporcionar experiências profundas e emocionais. Quantas vezes, ao se depararem com cenas emocionantes em filmes, os espectadores não deixaram suas lágrimas fluírem? Quantos torceram pelo final feliz de seus personagens favoritos? O cinema pode ser uma poderosa ferramenta, pois, além de poder evocar uma variedade de emoções, ele possui o potencial de estimular a reflexão sobre a realidade que cerca os sujeitos, tornando-se as-

sim uma valiosa ferramenta educacional.

Em 2014, durante o governo de Dilma Rousseff, foi criada a lei nº 13.006, que determina a exibição de filmes nacionais nas escolas. Esses filmes devem estar alinhados com a proposta educacional da escola. Mas, segundo Fonseca (2016), o uso do cinema na educação no Brasil começou muito antes, no início do século XX, especialmente com o movimento da Escola Nova. A primeira legislação sobre o uso de filmes em escolas públicas foi em 1927, na Reforma Fernando Azevedo, que defendia a integração do cinema na educação brasileira.

Foi, portanto, nas primeiras décadas do século XX que os olhares para o cinema foram lançados, considerando-o como um importante instrumento pedagógico. Esse movimento começou a ganhar força, principalmente, com o advento da Escola Nova (Fonseca, 2016), que se interessava pelo cinema como uma importante ferramenta para a educação. A estudiosa continua dizendo, inclusive, que a primeira legislação regulamentadora do uso de filmes em instituições públicas de ensino data de 1927, e era conhecida como Reforma Fernando Azevedo, a qual mencionava a integração do cinema à educação brasileira.

Morais e Pereira (2022, p. 866) também apresentam um estudo convergente com as investigações de Fonseca (2006) ao dizerem que o tema realmente não é novo, uma vez que “o cinema nacional utilizado como elemento de complementação da formação de estudantes data do ano de 1927”. Até meados do século XX, a visão educativa voltada para a sétima arte, entendia que o cinema, nessa perspectiva, poderia contribuir para a mobilização das massas, para a propaganda e para a integração nacional (Catelli, 2007, p. 68). A partir do primeiro governo Vargas (1930-1945), que via

nessa relação entre cultura e educação uma nova maneira de transformação do nosso país (Fonseca, 2016, p. 36).

O uso do cinema como ferramenta educacional passou por diversas transformações ao longo do tempo, refletindo mudanças culturais, tecnológicas e pedagógicas. Neste contexto, destacam-se alguns pontos relevantes:

1

PAPEL DO CINEMA NACIONAL NA EDUCAÇÃO

- Contribuição para uma visão educacional inclusiva e crítica.
- Interseção entre arte, cultura e formação dos indivíduos.

2

EVOLUÇÃO DO USO EDUCACIONAL DO CINEMA

- Transformações nas décadas de 1960, 1970 e 1980, quando o cinema adquiriu contornos educativos.
- Crescimento dos cineclubes e movimentos sociais que o utilizaram como ferramenta educativa e organizacional.

3

IMPACTO TECNOLÓGICO NAS ESCOLAS

- Mudanças após a redemocratização do Brasil e a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996.
- Introdução gradual e irregular de recursos tecnológicos, como TVs, DVDs, computadores, projetores e internet para exibir filmes online.

4

MUDANÇAS NA ABORDAGEM DO CINEMA EM SALA DE AULA

- Adaptações na forma de utilizar o cinema na educação devido às mudanças culturais, sociais e tecnológicas.
- Novas abordagens, incluindo documentários biográficos, filmes históricos e adaptações literárias, mantendo-se o propósito de ilustrar conteúdos educativos.

Morais e Pereira (2022) destacam que a lei 13.006 é vista pela elite econômica como uma disputa social, onde o cinema nacional obrigatório nas escolas é visto como uma oportunidade para oferecer uma educação mais equitativa aos filhos da classe trabalhadora, algo que não interessa às classes mais privilegiadas. Eles também apontam que, embora a lei seja um avanço para a educação das classes populares, não oferece diretrizes claras sobre como usar os filmes nacionais em sala de aula. Apesar disso, argumenta-se que é possível encontrar bases sólidas nos documentos educacionais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e o Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (DCTM).

A seguir, apresentam-se algumas orientações da BNCC (2018) e do DCMT (2020):

Recomendações da BNCC para o Ensino Médio	Recomendações do DCTM para a Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio)
Análise dos efeitos de sentido sonoros e verbais em contextos culturais.	Desenvolvimento de habilidades na reconstrução das condições de produção, circulação e recepção de campos artísticos, incluindo o uso do cinema em sala de aula.
Produção de roteiros para audiovisuais, utilização de <i>softwares</i> de edição e elaboração de comentários críticos sobre manifestações artísticas, como filmes.	Desenvolvimento de estratégias de leitura, apreciação e réplica de manifestações artísticas, incluindo textos literários e cinema, com foco na compreensão de intertextualidades e recursos multissemióticos.

Diante do exposto, argumenta-se que o uso do cinema em sala de aula proporciona uma ampla gama de perspectivas e viabiliza a possibilidade de experimentar uma memória coletiva. A respeito da experimentação de uma memória coletiva, Oliveira (2018, p. 17) também oferece uma pertinente contribuição, quando afirma que “o filme faz relação ao reforço de uma memória e/ou à construção de uma nova memória histórica, na medida em que ele faz parte de uma cultura escolar”.

A contribuição de Oliveira (2018) se entrelaça ao que Santana (2011), com muita assertividade, argumenta em sua pesquisa. Para o estudioso, “a liberdade de deixar fluir as reflexões, as memórias, as referências culturais, os repertórios semânticos”, se configura enquanto experiência de liberdade necessária, porque implica “assumir que o pensamento e as leituras que fazemos dos objetos e do mundo são sempre incompletos e provisórios”, por esse mesmo motivo são, também, um risco e uma aposta (Santana, 2011, p. 15). Tais pensamentos nos convidam a incluir a complexidade de obras cinematográficas em contextos educacionais e ousar explorar novos horizontes do saber.

Como reitera Fresquet (2013, p. 19), “o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto”. Assim, ao unir o mundo da educação, com sua longa história, ao cinema, uma forma de expressão mais recente, abre-se a oportunidade de descobrir novas janelas que estimulam a imaginação, o conhecimento e enriquecem a experiência educacional.

A sétima arte, como recurso didático, não deve substituir uma aula propriamente dita, mas ser um componente que estimula discussões e desperta alunos e professores para novas possibilidades expressivas, como recomendam os documentos citados anteriormente. O cinema deve agir como um “grito” que desperta a consciência, permitindo que antigos e novos modelos educacionais ofereçam abordagens mais pertinentes, envolventes. Como destaca Lima e Freire de Carvalho (2015), ao enfatizar que a articulação dos conteúdos básicos e obrigatórios, podem ser diluídos, explorados nas histórias fílmicas.

Em vista disso, considera-se pertinente abordar o estudo de Oliveira (2018), no qual a pesquisadora propõe uma abordagem metodológica do uso de cinema no cotidiano escolar. Ainda que o estudo de Oliveira (2018), esteja voltado ao ensino de História, a pertinência da sua abordagem é notável, considerando que este estudo igualmente se propõe a empregar filmes como recurso pedagógico. Por conseguinte, ao se colocar em evidência tal abordagem metodológica, parece pertinente adaptá-la à proposta de ensino de línguas desta pesquisa, precisamente no aspecto de variação linguística.

Logo, avalia-se a possibilidade de também aproximar o cinema ao ensino de Língua Portuguesa, apresentando, também, algumas dimensões possíveis: o cinema como corpus linguístico, o cinema enquanto representação cultural de diversidade linguística, e, assim como Oliveira (2018), o cinema como suporte pedagógico no ensino de Língua Portuguesa. Essa adaptação de abordagem metodológica do uso de cinema na sala de aula está desenvolvida de maneira mais aprofundada no capítulo da metodologia.

Nesse segmento, enfatizamos que a linguagem cinematográfica expande o repertório linguístico dos alunos, tornando-os capazes de interpretar e apreciar diferentes formas de expressão, haja vista que o cinema é uma ferramenta poderosa para promover a cultura. Como uma forma de arte global, ele permite que os alunos se familiarizem com diferentes culturas, tradições e modos de vida, incluindo a diversidade linguística. Através dos filmes, eles podem experimentar e apreciar a diversidade do mundo, ampliar sua visão de mundo e, por consequência, combater estereótipos e preconceitos.

É imperativo ressaltar que o acesso ao cinema, notadamente às salas comerciais situadas em Shopping Centers, manifesta-se preponderantemente

nas zonas urbanas, acarretando dificuldades ou até mesmo a impossibilidade de acesso a obras cinematográficas para aqueles residentes em áreas periféricas ou rurais. Ademais, faz-se necessário atentar para os altos custos sobre dos produtos que assumiram um caráter imprescindível para os espectadores poderem desfrutar da experiência cinematográfica, mesmo antes de adentrarem a sala de projeção, a exemplo dos combos que incluem pipoca e refrigerante.

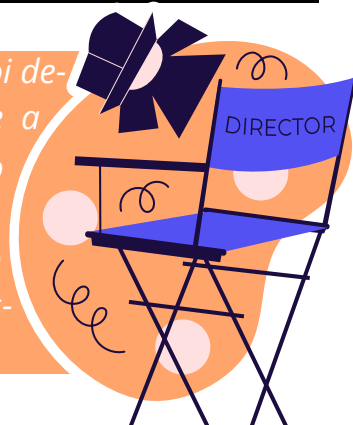
Em síntese, ao empregar o cinema como instrumento pedagógico, possibilita fomentar a transcendência das fronteiras convencionais do ambiente de ensino, conferindo-lhe uma dimensão mais profunda e envolvente. Nesse contexto, emerge o reconhecimento do potencial educativo intrínseco ao cinema, contribuindo, assim, para a otimização da experiência de ensino e aprendizado. Este meio propicia uma maior compreensão e apreciação do mundo circundante, indo além dos limites da sala de aula tradicional, enriquecendo, assim, a formação dos estudantes.



A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO UM ESPELHO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

O guia Fatha Fala nossa: um guia didático para professores foi desenvolvido com o objetivo de promover o reconhecimento e a compreensão da variedade linguística, por meio da apropriação das características sociointeracionistas da linguagem.

Esse material foi especialmente elaborado para ser utilizado no ensino médio, visando enriquecer o aprendizado dos alunos nessa etapa escolar.



Exploração dos elementos informativos presentes na cultura audiovisual

Primeiramente, que ao usar o cinema em sala de aula, é importante pensar no emprego do filme em um planejamento geral, que consiste em articular "os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as habilidades e competências desejadas" (Napolitano, p. 79). Nesse sentido, a proposta não é uma forma fixa de ensino, ela pode ser ajustada conforme as condições dos professores e as necessidades dos alunos.

A primeira etapa da proposta, é familiarizar o aluno com o cinema, pois, a familiarização é o momento do reconhecimento dos elementos informativos presentes na cultura audiovisual. Desse modo, para o início das atividades, o

professor deverá socializar com os alunos, questões a respeito da história do cinema, a linguagem cinematográfica e os principais estilos. Outro ponto de ressalva é a não imposição do gosto cinematográfico do professor aos alunos.

Para enriquecer ainda mais a experiência dos alunos, sugerimos, o vídeo do canal Nerdologia, intitulado A história do cinema.



Link de acesso:

https://www.youtube.com/watchv=KV9JqZPo26Y&t=565s&ab_channel=Nerdologia.

Escolha do Filme

Após a exploração da ideia geral sobre o cinema, é importante selecionar um filme específico que possa aprofundar a análise e corresponder aos objetivos das aulas e dos conteúdos programados. Antes da exibição do filme, o professor pode despertar o interesse da turma compartilhando a sinopse da história e lembrando a percepção dos alunos sobre o filme.

Nesse contexto, o professor deve estabelecer critérios claros para a escolha do filme mais adequado aos alunos. Levando isso em consideração, foram elaborados os seguintes critérios:

Adequação à faixa etária dos alunos: O filme selecionado deve ser apropriado para a faixa etária dos alunos, garantindo que o conteúdo seja compreensível e relevante para eles.

Duração de até duas horas e meia: É importante considerar a duração do filme para que ele possa ser exibido dentro do tempo disponível em sala de aula, sem comprometer a atenção dos alunos.

Identificação do aluno com o filme: O filme escolhido deve ser capaz de despertar a identificação e o interesse dos alunos, tornando-se relevante para suas experiências e realidades.

Para auxiliar na tomada de decisão, sugerimos que o professor assista e revise os filmes, fazendo anotações sobre os personagens que apresentam as competências identificadas. Dessa forma, ele terá elementos concretos para avaliar e selecionar o filme mais apropriado para a sessão didática.

Análise da ficha técnica do filme como ponto de partida

Em seguida, os alunos poderão assistir ao filme, que será exibido, no ambiente escolar, haja vista que dependendo das condições, alguns alunos podem não ter acesso a recurso de exibição audiovisual. Na sequência, mediada pelo professor, para a primeira discussão é importante a elaboração de um roteiro de análise, em que será discutida a ficha da técnica do longa-metragem, conforme se sugere abaixo:



Título do filme:

Ano:

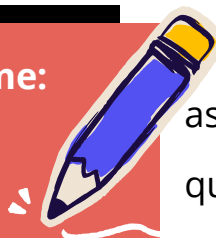
Duração:

Nacionalidade:

Direção:

Produção:

Principais atores:



Além disso, é pertinente direcionar o aluno aos aspectos mais importantes do filme, mediante questões a respeito da interpretação, sobre o que o filme aborda. Assim, os alunos/espectadores, são provocados a observar o filme como uma experiência além do entretenimento. Neste caso, o longa-metragem será usado como um elemento gerador de discussão - a variação linguística -, as-

sim o professor não necessita abordar os elementos narrativos e formais do filme (montagem, som, figurino etc.).

1. Qual o gênero do filme?

2. Qual a temática do filme? O que os realizadores do filme tentaram contar?

3. Eles conseguiram passar a mensagem? Justifique.

4. Você assimilou algo com este filme? O quê?

5. O que chamou mais a sua atenção neste filme? Por quê?

6. Qual o seu personagem favorito? Por quê?

7. Qual o personagem que você menos gostou? Por quê?

8. Qual é a síntese da história contada pelo filme?



Exploração dos aspectos linguísticos e sociais presentes no filme

Dado que já foram realizadas buscas por informações básicas sobre o filme, para otimizar as discussões, é válido reconstituir o enredo, propõe-se

que seja realizada uma reconstituição oral, que permita ao aluno melhor fixação dos conteúdos. Desse modo, o professor pode selecionar cenas específicas do filme, que seja possível estabelecer continuidade com a temática da diversidade linguística.

Logo após a reconstituição do enredo, o trabalho seguirá para abordagem linguística. Para isso, o professor dividirá a turma em grupos, cada grupo ficará responsável pela análise da fala de um determinado personagem e sua função dramática na história. Desse modo, poderá perceber a relação entre língua e o social, por exemplo, que o preconceito linguístico é resultado de uma ideologia de classe, assim, a variedade linguística dos falantes em posições sociais desprestigiadas é, muitas vezes, estigmatizada. Em resumo, os alunos tentarão entender como a realidade atua na forma como os personagens usam a língua. Para isso, sugerem-se os seguintes questionamentos:

a) Quais as principais características da fala do personagem? Ela é mais próxima da norma-padrão ou do coloquialismo?

b) Qual é o papel da posição social do personagem em relação à sua fala?

c) As formas de uso da língua, principalmente, de falantes do meio rural, como os personagens do filme, são julgadas negativamente. Você já discriminou alguém pela maneira de falar?



Em continuidade, os alunos serão estimulados a pensarem na dinâmica da língua, particularmente na questão da valorização a variedade linguística, de modo a corroborar para a dissolução da estigmatização e do preconceito linguístico. Diante disso, o cinema e o ensino de língua possibilitarão a representação de pessoas e de seus falares, no qual permitirá ao aluno, não somente ouvir a sua variedade linguística/a sua forma de falar, mas também, visualizá-la, por gestos, cores e formas. À vista disso, para aprimorar a análise sobre os elementos linguísticos, sugerem-se as seguintes ações:

- 1. Realização de uma pesquisa de termos e expressões utilizadas pelo personagem.**
- 2. Apresentação oral de aspectos socioculturais (sexo, idade, escolaridade, profissão etc.), que ocasionou possivelmente a variedade usada pelo personagem.**
- 3. As pesquisas e as apresentações poderão ser materializadas a partir da produção de um minidicionário.**



Após a experiência de espectador, da análise linguística e da exposição dos dados coletados, espera-se que os alunos compreendam que o cinema, ao mesmo tempo, consegue divertir e entreter; promove debates e pesquisas para o crescimento cognitivo e social. Nesse sentido, a presente sequência didática, está atrelada às discussões do letramento cinematográfico e à perspectiva variacionista da língua. Por fim, espera-se que a proposta possa contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e reflexão do valor social das formas variantes.

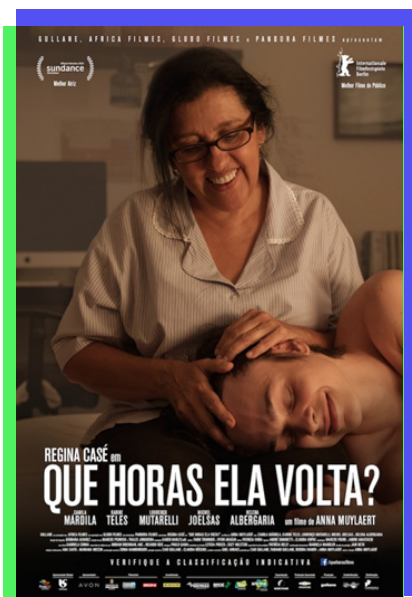


DAS TELAS ÀS LETRAS: OS RECOMENDADOS

Atenção: Os filmes selecionados para este guia possuem uma classificação indicativa adequada para alunos acima de 12 anos.



1 QUE HORAS ELA VOLTA?



Direção: Anna Muylaert

Roteiro: Anna Muylaert

Elenco: Regina Casé, Camila Márdila, Michel Joelsas

Gênero: Drama

Duração: 1h 52min

SINOPSE

A pernambucana Val (Regina Casé) se mudou para São Paulo a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. Com muito receio, ela deixou a menina no interior de Pernambuco para ser babá de Fabinho, morando integralmente na casa de seus patrões. Treze anos depois, quando o menino (Michel Joelsas) vai prestar vestibular, Jéssica (Camila Márdila) lhe telefona, pedindo ajuda para ir à São Paulo, no intuito de prestar a mesma prova. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação se complica.

2 ENTRE O AMOR E A RAZÃO

Direção: Cícero Filho

Roteiro: Cícero Filho

Elenco: Anchieta Cardoso, Brenna Lima, Graça Targino, Irisceli Queiroz e Toinha Catingueiro

Gênero: Drama

Duração: 1h 57 min

SINOPSE

O longa-metragem “Entre o Amor e a Razão” retrata a luta de Elizeu (Anchieta Cardoso), um homem pobre que vive juntamente com a esposa Claudia (Irisceli Queiroz) e os seus três filhos, em plena situação de miséria no interior do Maranhão. Não suportando mais o estado deprimente em que vive a sua família, Elizeu vai à procura de vida melhor em Teresina capital do Piauí. Diante do que a vida lhe proporciona, vê-se obrigado a abandonar as pessoas que mais ama. O diretor Cícero Filho não economiza em cenas carregadas de emoção. Na história, Claudia e o filho caçula morrem num terrível incêndio. Os filhos sobreviventes são cuidados pela avó materna Isabel (Graça Targino). A partir desse triste desfecho, Elizeu e Isabel, começam a lutar na justiça pela guarda das crianças. No filme são abordados temas importantes, como: amor, cotidiano rural, dificuldades financeiras, êxodo rural, esperança, trabalho infantil, exclusão social, morte, justiça, razão, superação e fé.



3 O AUTO DA COMPADECIDA



Direção: Guel Arraes

Roteiro: Guel Arraes, João Falcão

Elenco: Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Denise Fraga

Gênero: Comédia, aventura

Duração: 1h 35min.

SINOPSE

As aventuras dos nordestinos João Grilo (Matheus Nachtergaele), um sertanejo pobre e mentiroso, e Chicó (Selton Mello), o mais covarde dos homens. Ambos lutam pelo pão de cada dia e atravessam por vários episódios enganando a todos do pequeno vilarejo de Taperoá, no sertão da Paraíba. A salvação da dupla acontece com a aparição da Nossa Senhora (Fernanda Montenegro). Adaptação da obra de Ariano Suassuna.

4 O SHAOLIM DO SERTÃO

Direção: Halder Gomes

Roteiro: L.G. Bayão

Elenco: Edmilson Filho, Fábio Goulart, Marcos Veras

Gênero: Comédia

Duração: 1h 40min

SINOPSE

Durante a década de 80, lutadores de vale-tudo passam por dificuldades devido à falta de lutas profissionais. A fim de manter a paixão pela luta, eles desafiam os valentões no interior do Ceará que aceitam participar da competição criada assim que Aluiso Li (Edmilson Filho) vê a sua chance de ouro para realizar o sonho de se tornar um verdadeiro mestre das lutas como os heróis de seus filmes favoritos.



5 AI QUE VIDA



Direção: Cícero Filho

Roteiro: Cícero Filho

Atores: Rômulo Augusto, Feliciano Popo, Virgílio Queiroz, Eli Sibita, Danilo Costa, Toinha Catingueiro e Irisceli Queiroz.

Gênero: Comédia

Duração: 1h 30 min.

SINOPSE

A fictícia cidade de Poço Fundo, interior do Nordeste, está vivendo um verdadeiro caos em sua administração pública. O Prefeito Zé Leitão (Feliciano Popô) é um administrador corrupto e há quatro anos no poder pouco fez pela cidade. Revoltada com a situação da cidade, a microempresária Cleonice da Cruz Piedade (Toinha Catingueiro) decide concorrer ao cargo de prefeita e lutar por melhorias na cidade. Idealista e de bom coração, Cleonice vai iniciar uma divertida batalha pela atenção do eleitor. Nos bastidores, um triângulo amoroso toma forma: o individualista Jerod (Wellington Alencar), o boêmio Valdir (Rômulo Augusto) e a romântica Charleni (Irisceli Queiroz). Charleni, dançarina de banda de forró, é uma moça de bom coração, que ajuda, nas horas vagas, em uma instituição filantrópica.

Noiva de Jerod, Charlene fica em dúvidas quanto ao futuro do relacionamento, porque desconfia do namorado. Durante esse conflito psicológico, surge um outro homem em sua vida: Valdir (Rômulo Augusto), um jovem de uma beleza diferente e um passado nada animador. A relação inicialmente conturbada dá origem a uma outra, cada vez mais intensa.

6 CINE HOLLIÚDUY

Direção: Halder Gomes

Roteiro: Halder Gomes

Elenco: Edmilson Filho, Miriam Freeland, Roberto Bomtempo

Gênero: Comédia

Duração: 1h 31min

SINOPSE

Cine Holliúdy se passa no interior do Ceará, década de 1970. A popularização da TV permitiu que os habitantes da cidade desfrutassem de um bem até então desconhecido. Porém, o televisor afastou as pessoas dos cinemas. É aí que Francisgleydisson (Edmilson Filho) entra em ação. Ele é o proprietário do Cine Holliúdy, um pequeno cinema da cidade que terá a difícil missão de se manter vivo como opção de entretenimento.



7 LISBELA E O PRISONEIRO



Direção: Guel Arraes

Elenco: Selton Mello, Débora Falabella, Marco Nanini

Gênero: Comédia, Romance

Duração: 1h 50min

SINOPSE

Em Lisbela e o Prisioneiro, Lisbela (Débora Falabella) é uma moça que adora ir ao cinema e vive sonhando com os galãs de Hollywood dos filmes que assiste. Leléu (Selton Mello) é um malandro conquistador, que em meio a uma de suas muitas aventuras chega à cidade de Lisbela. Após se conhecerem eles logo se apaixonam, mas há um problema: Lisbela está noiva. Em meio às dúvidas e aos problemas familiares que a nova paixão desperta, há ainda a presença de um matador (Marco Nanini) que está atrás de Leléu, devido a ele ter se envolvido com sua esposa (Virginia Cavendish).



PARA CONCLUIR

Mediante o exposto, percebe-se a primazia do cinema como recurso aliado à prática pedagógica, enquanto espaço de reflexão sobre a diversidade linguística. Tendo em vista que por meio das telas é exposto uma multiplicidade de conhecimento cultural e social, sendo possível de se fomentar a criticidade e contribuir para a construção da autonomia do aluno.

Neste contexto, ficou evidente que o cinema pode ser um aliado valioso no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando uma contribuição significativa à educação. É importante ressaltar que as reflexões e a proposta de intervenção apresentadas neste guia são flexíveis e adaptáveis. Cada professor pode realizar as modificações e ajustes necessários para a aplicação em sua sala de aula, levando em consideração as características de seus alunos.

Portanto, desejamos que esse aprendizado não apenas atenda às expectativas da escola, mas também enriqueça a vida dos alunos de maneira mais ampla. Esperamos que este guia contribua para expandir as práticas de ensino, especialmente no que se refere ao uso da língua, e que o cinema seja reconhecido como uma forma valiosa de expressão e comunicação.

Conclui-se que o conhecimento das diferenças sociolinguísticas é de suma importância, sendo essencial para reconhecer e valorizar as diversas linguagens que existem em nossa sociedade. Esse entendimento enriquece nossa apreciação das relações sociais, culturais e políticas intrínsecas à língua.

SOBRE A AUTORA

ANA CAROLINA FREITAS DE FARIAS



Estudante no grupo de pesquisa GELITI (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos), foi bolsista CAPES. Graduada em Letras Licenciatura: Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Atuou como pesquisadora no projeto de pesquisa, possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e o ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Banedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, R. BRIGGS, C. L. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre linguagem e a vida social. Trad. de Vânia Z. Cardoso. Ilha **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8 n.1,2, p. 185-229, 2006.

BAGNO, M. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, M. Por uma sociolinguística militante. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 07-10. [Prefácio].

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução de Stella M. Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário R. Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SILVA, K. A. da. **Sociolinguística educacional**: uma entrevista com Stela Maris Bortoni-Ricardo. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 22, p. 219-231, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/kRzvKkTfvHwYd7tmmCkr7PM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

BRAGANÇA, M. L. L. Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de varia-

ção/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. Tese (Doutorado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 28 set. 2023.

COELHO, I. L., GÖSKI, E. M., SOUZA, C. M. N. de., MAY, G. H. **Para conhecer a Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo. Contexto, 2018.

ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em: https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008

FARIAS, A. C. F. de; SILVA, M. da G. T. Tratamento que a escola dá à variedade linguística do aluno do ensino fundamental de uma escola da zona rural, do município de Imperatriz-MA. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, [S.L.], v. 16, n. 34, p. 54-72, 30 nov. 2022. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://dx.doi.org/10.47456/cl.v16i34.38357>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/38357>. Acesso em: 28 set. 2023.

FERRAREZI JR. C. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; SILVA, Lucas Santos; SOUZA, Victor Renê Andrade. O uso da língua para a discriminação. *A Cor das Letras*, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 185, 30 abr. 2020. Universidade Estadual de Feira de Santana. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i1.5233>. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5233>. Acesso em: 28 set. 2023.

FONSECA, Mirna Juliana Santos. Cinema na escola pra quê? **Educação e Cultura Contemporânea**, [S.L.], v. 13, n. 31, p. 32-55, 2016. DOI: 10.5935/2238-1279.20160021. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/1526>. Acesso em: 29 set. 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. KOCH, I. V. Entrevista com Ingedore G. Villaça Koch. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). *Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 123-130.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marco Bagno, Maria Marta Pereira Sherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LANGA LACERDA, M.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A Terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2070>. Acesso em: 19 set. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2015.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. **Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental**. São Luís: FGV, 2019. Disponível em: <https://iesf.jacad.com.br/academico/biblioteca/acervo/detalhes/4684>. Acesso em: 29 set. 2023.

MORAIS, N. dos S.; PEREIRA, A. W. da S. V. A percepção da lei nº 13.006/2014 pelos docentes do campus Curitiba do Instituto Federal do Paraná. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 17, n. 42, p. 865-884, 2022. DOI: 10.22169/revint.v17i42.2391. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberres/index.php/revista/article/view/2391>. Acesso em: 29 set. 2023.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo.** 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5233>. Acesso em: 28. Acesso em: 10 set. 2023.

OLIVEIRA, N. R. S. **Cinema e ensino de história na escola Graça Aranha em Imperatriz-MA.** 2018. 112 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína - TO, 2018. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1706/1/Nice%20Rejane%20da%20Silva%20Oliveira%20-%20Dissertação.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PERINI, M. A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-REVEL**, v. 8, n. 14, 2010.

Disponível em:

http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf.

Acesso em 10 set. 2023.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, p. 187-207, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 17 set. 2023.

SILVA, R. V. M. **Tradição gramatical e gramática tradicional.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 18 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA-SILVA, A. L. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+: atitude, identidade e estigma.** 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23520>. Acesso em: 10 set. 2023.

TAVEIRO-SILVA, M. G. **Experiência de vida e letramento.** MA: UEMA, 2022.

O cinema e a língua

somos nós!



Mestrado
em Letras